

DISLEXIA X AUTOESTIMA: NO CÉREBRO DE UM DISLÉXICO.

Pereira, Lucelia da Silva¹

Patussi, Raquel Inguas Greco²

RESUMO

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico e tem como objetivo principal, discutir a dislexia como sendo um dos entraves mais graves e difíceis de detectar dentro do sistema educacional, nas séries iniciais do ensino fundamental, no qual compromete a capacidade de leitura e decodificação ortográfica, de entendimento das palavras manuscritas ou impressas, soletração de palavras, a compreensão e interpretação de textos e também atividades que envolvem o raciocínio lógico do indivíduo. É um transtorno de aprendizagem que merece uma atenção especial, pois na maioria dos casos é confundido com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade), o que ocasiona o atraso na devida intervenção motivando bastante ansiedade por parte de pais e educadores. Este trabalho visa salientar os impactos emocionais negativos sofridos pela baixa autoestima, auto comparação, agressividade, medo de errar, depressão, comprometendo tanto a vida social como a profissional. Portanto, é importante um diagnóstico e tratamento eficaz, estratégico, visando à superação e o desenvolvimento das habilidades do disléxico.

Palavras - chave: Dislexia. Dificuldade de Aprendizagem. Autoestima.

1 INTRODUÇÃO

A escolha temática da seguinte pesquisa fundamenta - se de que é muito pouco disseminado o estudo da dislexia, parte - se do pressuposto de que esta faz - se muito presente nas instituições de ensino, sendo importante ressaltar que nem todos os professores e responsáveis estão aptos para identificar e trabalhar com uma criança com essa necessidade de aprendizagem, podendo isso agravar a

¹ Aluna, licenciada em Letras, com habilitação Letras / Espanhol pela UFPEL (2015), cursando pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional na UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Internacional Uninter.

² Licenciada em Pedagogia e Graduada Processos Gerenciais, Especialista em MBA Planejamento Estratégico, Metodologia do Ensino Superior e Psicopedagogia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Professora corretora do Centro Universitário Internacional Uninter.

situação deste indivíduo desencadeando desinteresse, desmotivação e baixa autoestima.

Este trabalho propõe o estudo de conceitos, definições, características e reconhecimento pela família, educadores e meios de como trabalhar pedagogicamente com um educando portador de dislexia.

Desse modo, procurou - se salientar que o transtorno de dislexia é um dos entraves mais graves e difíceis de detectar dentro do sistema educacional, nas séries iniciais do ensino fundamental, no qual compromete a capacidade de leitura, de entendimento das palavras manuscritas ou impressas, da escrita, soletração de palavras, a compreensão e interpretação de textos e também atividades que envolvem o raciocínio lógico do indivíduo. E, quanto mais cedo for identificado esse distúrbio chamado “dislexia”, melhor e mais eficaz será o tratamento e o desenvolvimento cognitivo, contribuindo, inclusive, para que não corra o risco deste indivíduo ficar exposto e nem seja rotulado por adjetivos pejorativos tais como: desatento, desinteressado ou até mesmo preguiçoso.

Para que haja um entendimento positivo desse problema dentro do contexto social escolar, é necessário que a instituição tenha ciência e consciência da sua responsabilidade na análise e observação para que sejam tomadas as devidas providências no encaminhamento a profissionais especializados como fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos, também, cabendo tomar iniciativas na construção de metodologias em prol do aluno disléxico, colaborando de maneira inclusiva e com estratégias pedagógicas eficazes, coletivas da instituição escolar. Sendo ainda, de extrema importância à participação da família do indivíduo fornecendo informações relevantes para a preparação do processo.

Portanto, o que é dislexia? De maneira sucinta, Cândido (2013, p.13), descreve a dislexia como um distúrbio de aprendizagem específico da linguagem caracterizado pela dificuldade fonética inclusive pronúncia de palavras simples, indícios de cunho genético e neurobiológico.

A presente pesquisa foi de cunho investigativo, no qual visou compreender e contribuir com profissionais, responsáveis e a sociedade a importância dessa síndrome no contexto cultural. Utilizou - se embasamentos bibliográficos teóricos

como livros, filmes, artigos e pesquisas em diversos sites da internet que possibilitaram suporte na construção e conclusão deste.

2 ENTENDENDO A DISLEXIA

2.1 O QUE É DISLEXIA?

Para o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, referencia dislexia a um parâmetro de transtornos de aprendizagem e decodificação ortográfica (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). A dislexia pode ser considerada um transtorno específico de leitura, de origem neurobiológica, caracterizada pela deficiência no reconhecimento fluente das palavras, e refletida diretamente no déficit do processamento fonológico do indivíduo.

Igualmente, Reid (2007) apud Silveira (2017, p. 31) descreve dislexia a um processo lento de informações sendo necessárias estratégias para um aprendizado efetivo. Ainda, pesquisas revelam que o transtorno de aprendizado não é considerado uma doença, mas sim, um tipo diferente do funcionamento cerebral que pode ser tratado por meio de atividades lúdicas, jogos e desafios específicos para desenvolver as áreas em que o educando apresenta maior dificuldade de aprendizagem.

A palavra dislexia, de origem grega, onde “dis”, significa “distúrbio” ou “disfunção”, e “lexis”, significa “palavra” ou, em latim, “leitura”. Portanto, é o comprometimento acentuado no desenvolvimento nas habilidades de reconhecimento das palavras e compreensão da leitura (DSM - IV – TR, 2003).

Além disso, compromete a capacidade de leitura, de entendimento das palavras manuscritas ou impressas, da escrita, soletração de palavras, a compreensão e interpretação de textos, e também, atividades que envolvem o raciocínio lógico do indivíduo. É de origem genética. Não existe cura para o transtorno da dislexia, sabe - se que o cérebro dos disléxicos é normal, no entanto, alguns estudiosos destacam que são pessoas muito habilidosas.

O termo "dislexia" foi evidenciado por Rudolf Berlin (1887), um oftalmologista de Stuttgart, Alemanha, significando "dificuldade com palavras", ao diagnosticar um

jovem que apresentava grande dificuldade na leitura e escrita, porém, apresentava habilidades intelectuais normais nos demais aspectos.

De acordo com Houe e Estienne (2001):

A dislexia começou a ser estudada no fim do século XIX pelos oftalmologistas ingleses Hinshelwood e Morgane, quando ambos estudaram casos de crianças com sérias dificuldades de aprendizagem de leitura, no qual caracterizaram esse problema como “cegueira verbal” congênita. Justificando que no cérebro humano existiam várias áreas separadas para diferentes tipos de memória. Segundo eles, primeiramente teríamos uma memória visual (geral), depois uma memória visual de letras, e por último, uma memória visual de palavras. A causa da dificuldade para ler estaria relacionada a uma “falha” do cérebro, de origem congênita, que afetaria a memória visual de palavras (LEAL; NOGUEIRA, 2012, p.78).

Ainda, com base no estudo da história da dislexia, outros pesquisadores como o neuropsiquiatra americano, Samuel Orton (1915 - 1940), ratifica que a dificuldade de ler acontece como uma disfunção cerebral de origem congênita, a qual se produz quando o indivíduo não possui uma adequada dominância hemisférica (Leal; Nogueira, 2012, p.78). Devido a essa ausência de dominância hemisférica, produz - se uma série de erros na leitura tais como: inversões, omissões, substituições de sons, entre outros.

São diversificados os modos de entendimento do que realmente vem a ser o transtorno de dislexia. Haja vista, que é muito difícil encontrar um indivíduo que em algum momento de sua vida não apresentou alguma dificuldade de aprendizagem, pois esta é uma mudança no desempenho do educando que resulta de sua experiência.

Giacheti e Capellini, em 2000, afirmam que a dislexia é um: “Distúrbio neurológico, de origem congênita, que acomete crianças com potencial intelectual normal, sem déficits sensoriais, com suposta instrução educacionais apropriadas, mas que não conseguem adquirir ou desempenhar satisfatoriamente a habilidade para leitura e / ou escrita. (ROTTA; PEDROSO, 2006, p.153)”.

Atualmente a dislexia pode ser classificada de varias formas, de acordo com cada um dos autores. A avaliação inicia - se com a queixa principal da família, que é a dificuldade de aprendizagem na alfabetização. Estima - se que ela afete 10% da população, ou 700 milhões de pessoas no mundo.

Segundo o neurocientista Bart Boets (2013), a Universidade Católica de Louvain, autor do estudo, “as dificuldades para ler e escrever não só afetam a educação e o desenvolvimento cognitivo como também têm um grande impacto

sobre o bem estar social e emocional, as oportunidades de trabalho e outros aspectos”, relacionado à autoestima.

A dislexia é ainda um termo desconhecido e ignorado quando se trata de evasão escolar, e uma das causas do chamado 'analfabetismo funcional', e, por se tratar de problema dentro do contexto escolar é necessário que a escola tenha ciência e consciência da sua responsabilidade na análise e diagnóstico, para que não haja uma informação imprecisa que ocasionem insucessos no aprendizado.

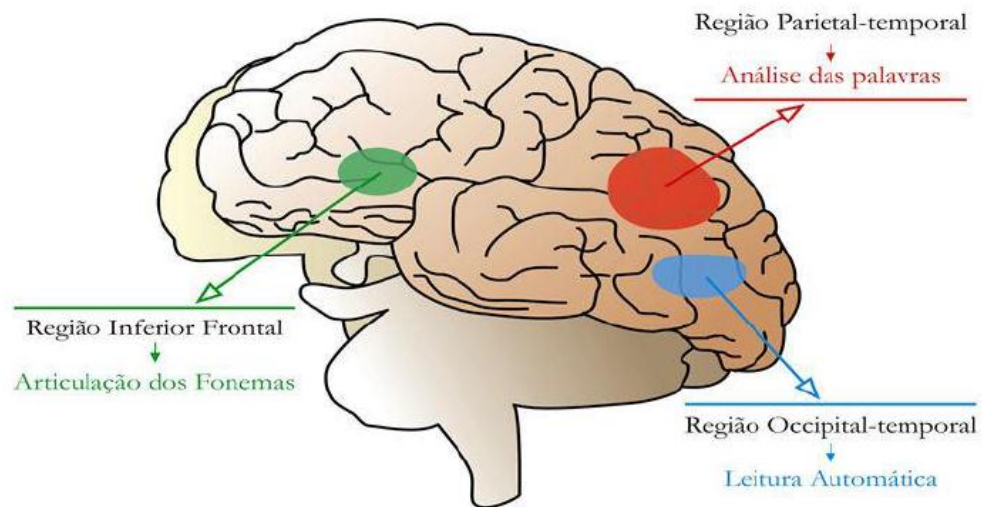
2.2 NO CÉREBRO DE UM DISLÉXICO

Segundo a Associação Internacional de Dislexia (IDA), o transtorno de dislexia atinge cerca de 5% a 10% da população mundial, é caracterizado por uma dificuldade de aprendizagem, reconhecimento e entendimento de palavras, soletração, dispersão, dificuldade em aprender a falar, falta de interesse em leitura e fraco desenvolvimento da coordenação motora.

Sabe - se que a dislexia é um problema genético e hereditário, tendo como causa alterações celulares no cérebro, o que dá origem a um funcionamento diferente dele. Nota - se que o indivíduo não disléxico utiliza três áreas distintas do cérebro enquanto está lendo. Já em uma pessoa com dislexia ocorre pouca ativação nas regiões posteriores do cérebro e um aumento na atividade da região frontal inferior.

Estudos realizados por imagens de ressonância magnética são observados e comparados processamentos cerebrais, das variações ocorridas no momento da variação do processamento da linguagem, ilustrando exatamente as áreas trabalhadas do cérebro de um não disléxico e de um disléxico.

Figura 1: Sistema Cerebral - Ativação no momento da leitura.



Fonte: www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/dislexia

Observa - se na figura 1, o cérebro de um indivíduo não disléxico. Percebe - se que três subáreas distintas são ativadas no momento da leitura, sendo elas: região inferior frontal, responsável pela identificação das letras, fonemas; Logo após é ativado a região parietal - temporal responsável pela análise das palavras, grafema - fonema; E por último, é ativado a região occipital - temporal, responsável pelo processamento de toda a informação recebida (SHAYWITZ, 2006). Portanto, o que ocorre no sistema cerebral é uma disfunção no hemisfério esquerdo, posterior, do cérebro de um indivíduo disléxico, ou seja, as áreas da região occipital - temporal e região parietal - temporal são menos ativadas, afetando a habilidade fonológica, escrita e visual. Forçando, de maneira a compensar, a área frontal inferior esquerda do cérebro denominada Broca, ativando a neuroplasticidade e outras zonas do lado direito do cérebro que fornecem pistas visuais.

Para Moura (2013, p.14), “os disléxicos recebem informações em uma área diferente do cérebro, portanto o cérebro de um disléxico é normal”. Infelizmente, essas informações vindas de áreas diferentes, resultado do funcionamento irregular do lobo temporal, responsável pela linguagem e escrita, tal distúrbio provoca o embaralhado das letras, dificultando o processo de leitura, escrita, dificuldades de assimilação de palavras.

Explica ainda, que detectar o distúrbio de dislexia não é algo simples. Há alguns casos que os sintomas podem ser identificados desde cedo, mas um diagnóstico preciso só será possível a partir do segundo ano de educação formal, onde a escrita e a leitura são apresentadas formalmente à criança. Como a dislexia é geneticamente hereditária, especialistas afirmam que as crianças podem ser melhor avaliadas a partir dos cinco anos de idade.

Figueira (2012) ressalta que é comum ouvir o tema dislexia comparado à palavra doença. Trata - se, atualmente, de um grande equívoco, pois, dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de ordem hereditária em diferentes níveis, podendo ser leve, moderado e agudo. Sendo de extrema relevância o acompanhamento profissional.

Estudos realizados recentemente na Universidade de Boston revelaram que, quem não possui dislexia tem o cérebro com mais plasticidade, ou seja, significa que ele consegue se adaptar melhor para deixar fáceis tarefas que eram difíceis. Já o indivíduo portador do transtorno de dislexia não tem essa capacidade.

Para uma melhor compreensão: quem não possui o transtorno consegue reconhecer a repetição de palavras ou imagens em um processo chamado de “adaptação neural”. “Você aprende alguma coisa na primeira vez que faz você ser capaz de fazer uma segunda vez, e a facilidade é marcada por uma redução da atividade neural. Porque você já fez antes, então é fácil fazer de novo”, explica John Gabrieli, do MIT.

O cérebro de um portador de dislexia necessita de maior traquejo para entender a mesma informação que já teve como se fosse pela primeira vez que estivesse recebendo. Percebe - se nitidamente esse processo na soletração, por exemplo.

Apesar de estudos e pesquisas, ainda não existe cura para o distúrbio, mas eles nos mostram que é possível amenizar os efeitos da dislexia através da estimulação da criatividade que irá aumentar a plasticidade cerebral, além do apoio e compreensão da família, amigos que irá auxiliar na autoestima do indivíduo.

2.3 EXISTE CURA PARA DISLEXIA?

Ainda não se conhece a cura para a dislexia. Mas, sabe - se que o tratamento da dislexia é um processo em longo prazo e que demanda persistência, uma equipe profissional interdisciplinar e multidisciplinar, formada por professor, pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo e neurologista. O apoio da família, claro, é indispensável. Vale lembrar que tal acompanhamento não visa à cura, pois não há cura para esse transtorno, trata - se de fornecer meios para que o disléxico possa não apenas conviver, mas superar essa dificuldade. É muito importante estabelecer o diagnóstico de dislexia o quanto antes, para evitar reflexos negativos sobre a autoestima e projetos de vida futuros.

Se tratando da maneira como tratar um disléxico, infelizmente nem os pais e a grande maioria dos profissionais da educação estão aptos. São muitas as causas que precisam ser corrigidas, no entanto são poucos os profissionais que entendem os problemas e suas possíveis soluções.

Para Figueira (2012), um educando disléxico não deve ser interpretado e muito menos comparado sua deficiência de aprendizagem à desmotivação, falta de interesse, e nem qualquer deficiência sensorial. A mente de um disléxico na maioria das vezes supera a mente de um indivíduo supostamente “normal”, apenas, necessitam de tratamento diferenciado, pois seu cérebro trabalha de maneira diferenciada e perfeitamente.

Por fim, Moura (2012, p.15) explica que a maioria dos tratamentos enfatiza a assimilação de fonemas, vocabulário, compreensão e fluência da leitura. Ajudar no desenvolvimento e evolução da aprendizagem de um disléxico exige tempo, dedicação e muita paciência, pois, eles sofrem com a baixa autoestima e falta de autoconfiança, sentem - se menos inteligentes que seus amigos, colegas, irmãos.

Com base nesta pesquisa de cunho bibliográfico, é importante salientar que a dislexia é um distúrbio neurológico que não pode ser ignorado, pois um indivíduo portador de dislexia não deixará de ser disléxico, mas com o apoio, estímulo e compreensão por parte da família e amigos irão impulsioná - lo a se autoconhecer e até mesmo aprender a conviver e superar este transtorno de maneira positiva.

2.4 VIDA EMOCIONAL DE UM DISLÉXICO

Para Frank (2003) os lados emocionais e cognitivos da dislexia estão sempre interlaçados, conseqüentemente, portadores do transtorno de dislexia correm sérios riscos emocionais.

Quando falamos em Dislexia, uma das áreas que habitualmente recebe menor atenção é o lado emocional. Dentre os sintomas emocionais associados a esse distúrbio, o mais frequente é a ansiedade. O temor provocado pela leitura em voz alta, a dificuldade constatada emigma da soletração e interpretação, o embaraço causado pelo resultado de um trabalho corrigido e suas inúmeras “linhas vermelhas” que sublinham e ampliam os erros gravados no papel, são meros exemplos do tormento que as crianças com dislexia diariamente enfrentam no contexto escolar.

Vygotsky tentou mostrar que a criança incorpora instrumentos culturais através da linguagem e que, portanto, os processos psicológicos afetivos e cognitivos da criança são determinados, em última instância, por seu ambiente cultural e social (1994, p. 386).

Outra característica muito frequente da dislexia é a dificuldade de memorização, tanto a curto como em longo prazo. Segundo Frank (2003), especialista na área de Psicologia Educacional, este é o aspecto emocionalmente, mais doloroso e frustrante para o disléxico. O fato de tamanho esforço e pressão emocional vivida pelo indivíduo, no intuito de doar o seu melhor desempenho, pode torná - los agressivos como forma de autodefesa.

Segundo Mahoney (1993),

"[...] a criança, ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São esses relacionamentos que vão definir as possibilidades de a criança buscar no seu ambiente e nas alternativas que a cultura lhe oferece, a concretização de suas potencialidades, isto é, a possibilidade de estar sempre se projetando na busca daquilo que ela pode vir a ser [...]" (MAHONEY, 1993, p. 68).

Com o cérebro intoxicado por comparações e autocomparações, sentindo - se envergonhado e emocionalmente confuso, conseqüentemente perdendo a motivação pela aprendizagem e optando por estratégias de evitamento. Tendem a viver num círculo vicioso de ansiedade e incapacidade, entre outros sintomas físicos como: ataques de pânico, náuseas, enxaquecas, susceptibilidade à doença e se não diagnosticadas poderá levar à depressão.

Para Frank (2003), o sentimento de frustração e fracasso que o indivíduo vivencia, enquanto negocia sua vida com a dislexia, pode aparecer de várias formas, sentimentos comuns que irão reafiorar de tempos em tempos, seja ao abordar seus trabalhos escolares ou ao interagir com colegas e familiares.

Emergindo sentimentos negativos como: insegurança, desapontamento, raiva, incapacidade, até mesmo, de resignação e de conformidade, intitulado - se como “síndrome de incompetência” ao compararem - se aos colegas de classe. Do mesmo modo os próprios pais e professores, de maneira inconsciente muitas vezes, compraram - os aos demais educandos, comumente com seguintes justificações: “é uma criança inteligente...” “Se se esforçasse mais...”, “Seu irmão sempre foi o primeiro da classe.”, ignorando o foco do problema, sendo este, um problema de natureza neurológica.

Vygotsky defendia que era em resultado das interações sociais entre a criança em desenvolvimento e outros membros de sua comunidade que iria adquirir as “ferramentas” do pensamento e da aprendizagem. (SMITH e COL. 1998, apud. ROCHA, 2003, p.10).

Por isso, é bastante importante o apoio, compreensão, paciência e dedicação. O disléxico precisa sentir - se seguro, amparado, amado por aqueles que o cercam, pois o fato dele se sentir diferente dos demais é um extremo desafio para sua vida inteira.

É necessário valorizar e ressaltar suas qualidades, habilidades e seu bom desempenho em diferentes áreas, e não as suas limitações, despertando seu interesse ativo no desempenho da aprendizagem, portanto, estimulando sentimentos de crescente autoestima e motivação.

Com base na pesquisa de cunho bibliográfico, fica claro que a autoestima é fundamental para indivíduos com dificuldades específicas de aprendizagem, pois, se eles acreditarem em sua capacidade, passarão a se autovalorizar, assumindo uma posição culturalmente atuante.

2.5 DISLÉXICO: NA VIDA ESCOLAR X PROFISSIONAL

A dislexia é um distúrbio de ordem genética, neurológica que provoca um desvio processo de leitura e decodificação ortográfica, interpretação e escrita, resultando no atraso do processamento das informações. Observa - se que a escrita tende a ser desorganizadas e com omissões de letras. Quanto à leitura é soletrada e apresenta gagueira.

Partindo do princípio de que a dislexia não é doença, e sim uma dificuldade e provem de vínculos genéticos, é interessante observar outros aspectos que correlacionam a dislexia com a relação de aprendizagem. Defende - se que a dislexia não é somente a dificuldade de aprender a ler e escrever apresentam dificuldades em identificar e organizar símbolos, ou seja, como o educando vai ler se para ele aqueles símbolos “dançam” em sua mente, não significando absolutamente nada?

Figura 2: Leitura de um disléxico.



Fonte: Blog DislexClub (2018)

Podemos observar na figura 2 o processo neurológico no momento exato da leitura. Ela nos oportuniza a ler como um disléxico. Contudo, o indivíduo disléxico pode ler, mas é preciso muita concentração, pois as palavras estão todas bagunçadas, parece que as letras saltam de um lado para outro, esse esforço é cansativo, exige muito do indivíduo, assim, entendemos o porquê do educando evitar a leitura, e facilmente dispersar - se (PONCE, 2018).

Segundo o Professor da Escola de Humanidades, PUCRS, Dr. Augusto Buchweitz (2015), explica que o disléxico possui capacidades cognitivas normais, porém apresenta uma grande dificuldade para desenvolver a leitura e a interpretação do texto. Ressalva, que nosso cérebro não nasceu programado para ler, mas ele desenvolve essa capacidade. Já no disléxico esse processo sofre alterações de caminho, por exemplo, a criança disléxica ela tenta adivinhar as palavras, contudo, é uma criança inteligente, somente ocorre de maneira lenta e com troca de letras. Enquanto um adulto normal lê em média cento e oitenta palavras por minuto, um disléxico lê em média trinta palavras por minuto.

No entanto, para que ocorra um entendimento positivo desse problema dentro do contexto social escolar, é necessário que a instituição analise com muita cautela para que sejam tomadas as devidas providências no encaminhamento a profissionais especializados como fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos. Adotando estratégias metodológicas e pedagógicas eficazes, coletivas da instituição escolar. Sendo ainda, de extrema importância à participação da família do indivíduo fornecendo informações relevantes para a preparação do processo.

[...] as crianças precisam ser ensinadas a soletrar as palavras para estarem conscientes dos sons que ouvem. Treiná - las para repetir palavras para si mesmas, enquanto ouve a ordem dos sons [...] O ensino precisa ser multissensorial e o aluno deve estar ativamente envolvido na tarefa. (MARSILI, 2010, p.35).

Com base no Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul, para cada dez alunos, oito repetem o ano. O correto é ao repetir a primeira vez o educando já ser encaminhando para um diagnóstico preciso, evitando esgotamento emocional, tanto do educando quanto dos pais e educadores. Uma das medidas adotadas por seus profissionais foi o método individualizado multissensorial, considerando fatores como: o contexto escolar do educando, o diagnóstico, fatores como o seu estímulo de aprendizagem.

Faz - se necessário uma relação restrita entre o professor e o educando, buscando o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem por meios visuais, lúdicos, táteis e sonoros, aguçando o interesse e meio efetivo de avanços na aprendizagem do educando.

Portanto, é extremamente importante ser respeitado o tempo limite de aprendizagem de cada indivíduo, do disléxico em especial, é preciso intervenções individualizadas de leitura, onde envolva toda comunidade escolar assegurando o progresso do educando, monitorando qual melhor estratégia de aprendizagem.

Na vida profissional, é bastante comum um disléxico passar por inúmeras dificuldades durante uma entrevista de emprego, e no ambiente de trabalho em qualquer atividade que exija muita concentração, organização, tempo e principalmente leitura e escrita. Sofrem muitas críticas, pelo fato de escreverem errado, mesmo que o indivíduo já possua grau superior de ensino. Cientes de suas dificuldades sofrem uma pressão psicológica muito intensa, na busca de concluir seu trabalho com êxito.

Existem muitos profissionais famosos do meio artístico que sofrem com o distúrbio de dislexia e são muito bem sucedidos profissionalmente, por exemplo, o ator Tom Cruise, relata que para poder memorizar os textos, ele usa a estratégia de ler o texto em voz alta, grava a sua fala e depois ouve facilitando a memorização do mesmo.

Portanto, o indivíduo portador do distúrbio de dislexia, aprende a conviver com esse transtorno, e em longo prazo vai adotando medidas de estratégias. Sabe - se que muitos optam por profissões mais práticas que não envolvam leituras, como: mecânica, informática eletrônica, arte e etc. E são muito bem sucedidos, pois sua inteligência cognitiva é perfeita.

2.6 A LEI E A INCLUSÃO

No Brasil, a política educacional inclusiva iniciou no ano 1990, onde assegura o acesso de todo aluno especial de frequentar a sala de aula regular, alterando, para

fins de adaptação, o plano didático pedagógico escolar. Visando o direito e a necessidade de se garantir o livre acesso à educação, independentemente de suas peculiaridades, de maneira participativa junto à sociedade em busca de uma qualidade de vida, em meio, a uma sociedade diversificada.

Na íntegra, Art. 227:

[...] é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão [...]. (Redação dada Pela Emenda Constitucional n.º 65/2010).

A Constituição Federal Brasileira de 1988, defende os direitos humanos e a educação inclusiva, conforme Art. 205 assegura que “ A educação, direito de todos e dever do Estado e da família [...]”, o Art. 6º Art. 206, defende os princípios que regem o ensino, conforme inciso I “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, ainda, o Art. 208. Inciso III salienta o “atendimento educacional especializado [...]”. Embora a Constituição Federal, não mencione o transtorno de dislexia, faz menção a tipos específicos de necessidades educacionais, e possibilita aos portadores de necessidades educacionais especiais, isso inclui - se, portanto, os disléxicos o direito de exigir por lei o Princípio da Isonomia.

Outrossim, o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990) não faz menção específica para o transtorno de disléxica, apenas reforça que “ A criança e o adolescente têm direitos à educação” no inciso I do Art. 53, defende “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, o Art. 54. no inciso III, “ atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Para tanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), faz menção à inclusão do educando disléxico, quando incorpora a expressão Necessidades de Educativas Especiais (NEE), com embasamento no Art. 12 desta, reforça a incumbência das instituições de “prover meios para a recuperação dos alunos com menor rendimento”.

A inclusão escolar é embasada na legislação brasileira, assegurando e garantindo o direito de todos de frequentar a sala de aula e receber de maneira

isonômica educação. Porém, ainda não existe um projeto de lei claro e específico que assegure as especificidades de atendimento da dislexia no Brasil.

Ressalvo que os transtornos de aprendizagem, principalmente a dislexia, necessitam de acompanhamento especializado por equipe multidisciplinar, pois é passível de erro no diagnóstico, ao que confere apenas a um profissional a atribuição de diagnosticar, acompanhar e tratar a dislexia, com o objetivo de propiciar integração social.

2.7 INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICA

A Psicopedagogia é uma área de estudo interdisciplinar; que compreende o sujeito como autor no contexto no qual está inserido, que estuda os caminhos de aprendizagem humana, da maneira como adquire, elabora, aprecia e transforma em saber o conhecimento, suas variações e os fatores implicados na aprendizagem e também de forma a preveni - las e tratá - las. É uma área de estudos específicos, no qual delimita o campo de atuação de maneira investigativa.

“A Psicopedagogia é a área de conhecimento, atuação e pesquisa que lida com o processo de aprendizagem humana, visando o apoio aos indivíduos e aos grupos envolvidos neste processo, na perspectiva da diversidade e da inclusão”, A Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp).

É muito importante o diagnóstico precoce, assim como, esclarecer para o educando que sua dificuldade de aprendizagem chama - se dislexia, que ela não tem cura, mas sim, terá um tratamento em longo prazo que irá auxilia - lo a conviver durante toda sua vida escolar e social. Quanto mais cedo isso for ocorrer, menos desgastes emocionais esse indivíduo ira sofrer.

Para Marsili (2010, p.35), “[...] o ensino precisa ser multissensorial e o aluno deve estar ativamente envolvido na tarefa” [...].

O trabalho psicopedagógico irá intervir de maneira ativa, respeitando o histórico do indivíduo (familiar, escolar e social), atendendo o tempo limite que o mesmo desenvolve a aprendizagem.

Para o Dr. Augusto Buchweitz (2015), Professor da Escola de Humanidades, PUCRS, com devida orientação, algumas estratégias psicopedagógicas que podem auxiliar o educando disléxico a ter um bom desempenho na aprendizagem. Destaca-se, abaixo, algumas estratégias:

- Orientar o educador que nas aulas o educando sente - se à sua frente;
- Elaborar provas orais;
- Trabalhar de maneira lúdica e visual;
- Montagem de sílabas por intermédio de jogos quebra - cabeça;
- Usar computadores com corretores de texto.
- Método de leitura em voz alta gravando sua fala;

Claparède (1940) apud Pumariega (2015, p. 06) afirma que [...] “o jogo é um artifício que a natureza encontrou para envolver a criança numa atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental.” [...], partindo desse conceito, o jogo é um recurso didático, de grande valor educativo que auxilia no processo ensino - aprendizagem possibilitando o indivíduo explorar novos saberes de maneira lúdica, despertando o interesse de maneira prazerosa em descobrir coisas novas, contribuindo significativamente na construção do conhecimento do educando.

Para concluir, dentre as várias pesquisas e autores estudados, todos reforçam de maneira clara e evidente, que a dislexia não tem cura, que o tratamento é de longo prazo, e deve ser respeitado o tempo limite de aprendizagem de cada indivíduo em particular, os lados emocionais e cognitivos da dislexia estão sempre juntos, dado isso, a importância do apoio, compreensão, paciência das pessoas próximas do disléxico, pois a autoestima é a parte mais importante para manter sua autoconfiança e sucesso desejado na escola, profissão, vida pessoal e relação social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado visa uma reflexão e maior entendimento sobre a dificuldade de aprendizagem característica da dislexia, que aos poucos esse tema vem sendo

abrangido no meio escolar e social. O estudo de pesquisa oferece oportunidade conhecimento, em específico, sobre o transtorno de aprendizagem dislexia, ainda desconhecido, e por isso, muitas vezes diagnosticado erroneamente, dificultando a intervenção pedagógica adequada ocasionando o desgaste emocional e psicológico, e em alguns casos levando a evasão escolar.

A dislexia distúrbios de aprendizagem que se caracteriza pela dificuldade na área da leitura, escrita e decodificação ortográfica, é também de origem genética e hereditária, portanto se a criança apresentar alguns sintomas como dificuldades com a linguagem e escrita, troca de letras, atenção, sendo o correto, ao repetir a primeira vez o educando já ser encaminhando para um diagnóstico preciso, evitando esgotamento emocional, tanto do educando quanto dos pais e educadores, quanto mais cedo for tomada essa providência melhor será seu desenvolvimento escolar.

É de suma importância que os educadores e responsáveis tenham conhecimento a respeito da dislexia para que possam intervir de maneira correta, auxiliando com compreensão, paciência e dedicação. O disléxico precisa sentir - se seguro, amparado, amado por aqueles que o cercam. Importante evitar comparações, pois o fato dele se sentir diferente dos demais é um extremo desafio para sua vida inteira. Lembrando que cada ser é único, apresenta jeito específico de ser e de aprender.

Ainda, é preciso à conscientização do indivíduo a respeito do seu diagnóstico, ter conhecimento do que está se passando consigo o porquê dele ter um desempenho diferente dos demais educandos, pois, quando se tem conhecimento da dislexia é possível iniciar um processo de acompanhamento adequado. Destaca Paulo Freire (2005) “educar é construir, é libertar para que faça suas escolhas e reconheça sua dimensão individual” (Cury, 2015, p. 75). Educar é formar o indivíduo como gestor de sua mente, desenvolver habilidades no processo de sua formação de personalidade, saber entender - se, e principalmente, como agente do seu caminho social.

Restrições moralizadoras são muito prejudiciais, desconstrutivas, limita a capacidade de criatividade inata para o aprendizado, afeta diretamente a autoestima, que é a capacidade de gostar de si, o seu autoconhecimento. É interessante observar o ambiente, o contexto no qual o educando cresce, pois este meio pode edificar ou destruir sua autoestima.

É necessário valorizar e ressaltar suas qualidades, habilidades e seu bom desempenho em diferentes áreas, e não as suas limitações, despertando seu interesse ativo no desempenho da aprendizagem, portanto, estimulando sentimentos de crescente autoestima e motivação.

Portanto, em forma de conclusão, este estudo oferece oportunidades de maiores esclarecimentos a respeito da dislexia, que não é uma doença e sim distúrbio de aprendizagem, de cunho hereditário, passível de intervenções metodológicas, que visa contribuir de maneira reflexiva sobre a prática pedagógica do educador, do papel dos pais, da escola, psicopedagogo e equipe multidisciplinar, o contexto escolar e do respeito para com a diversidade em sala de aula e vida social.

REFERÊNCIAS:

ABD - **Associação Brasileira de Dislexia**. Disponível em <http://www.dislexia.org.br>. Acesso em julho de 2018.

Blog Dirceu Rabelo. Disponível em <https://dirceurabelo.wordpress.com>. Acesso em novembro de 2017.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em março de 2018.

Cury; Augusto - **O código da Inteligência** - Rio de Janeiro; Sextante, 2015.

DislexClub Privilégio de Ser Disléxico. Disponível em <http://www.dislexclub.com/guia-para-escolas-sobre-o-aluno-com-dislexia>. Acesso em Junho de 2018.

El Pais. Disponível em <https://brasil.elpais.com>. Acesso em novembro de 2017.

LEAL; Daniela – **Dificuldades de Aprendizagem: Um olhar psicopedagógico** – Curitiba; Intersaberes, 2012.

Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso abril de 2018.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Disponível em <https://aempreendedora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Manual-de-transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>. Acesso em dezembro de 2017.

MARINHO, Hermínia Regina Bugeste - **Pedagogia do Movimento Universo Lúdico e Psicomotricidade** - Curitiba; Intersaberes, 2012.

O filme **Como Estrelas na Terra.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6rxSS46Fwk4>. Acesso em maio de 2018.

OLIVEIRA, Rosane de Machado. **A Importância de Analisar as Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Escolar - Dislexia, Disgrafia, Disortográfica, Discalculia e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, Vol. 16. pp 492-521, Março de 2017. ISSN:2448-0959. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/dislexia-disgrafia-disortografica>. Acesso em junho de 2018.

PINTO, Ana Cristina Cruz; MATOS, Maria Almerinda Lopes de. **A Dislexia na Educação: Intervenção Psicopedagógica.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 1. Vol. 9. pp 631-649. Outubro / novembro de 2016. ISSN. 2448-0959. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/dislexia-na-educacao-intervencao-psicopedagogica>. Acesso em abril de 2018.

Psicologias do Brasil. Disponível em <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/o-lado-emocional-da-dislexia>. Acesso em maio de 2018.

Psiconline. Disponível em <http://www.psiconline.com/2015/05/teoria-das-inteligencias-multiplas-de-gardner.html>. Acesso em maio de 2018.

REID, Gavin. **Dyslexia.** Continuum International Publishing Group. Londres, 2007.

Revista Psicopedagogia. Disponível em <http://www.revistapsicopedagogia.com.br>. Acesso em janeiro de 2018.

SILVA, Nilza Sebastiana da; SILVA, Fábio José Antônio da. **A dislexia e a dificuldade na aprendizagem.** Revista Científica Multidisciplinar, Ano 1, Vol 5 , pp. 75-87 Julho 2016, ISSN: 2448-0959. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/dislexia-dificuldade-aprendizagem>. Acesso em junho de 2018.

Vix. Disponível em <https://www.vix.com/pt/ciencia/541106/neurologistas-finalmente-desvendaram-o-que-acontece-no-cerebro-de-quem-tem-dislexia>. Acesso em maio de 2018.